



CARLA MONTAGNA

A mitologia como meio de aproximação entre a literatura clássica e a literatura juvenil:
uma análise comparativa de *Os Lusíadas* e *O Último Olimpiano*

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR

Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador Prof. Dr. Diego Gomes do Valle

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 06/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diego Gomes do Valle (UFFS)

Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)

Prof.ª Me. Roselaine de Lima Cordeiro (UFFS - Campus Erechim)

A mitologia como meio de aproximação entre a literatura clássica e a literatura juvenil: uma análise comparativa de *Os Lusíadas* e *O Último Olimpiano*¹

Carla Montagna²

carlamontagna16@estudante.uffs.edu.br

RESUMO: Este artigo, situado no campo da Literatura Comparada, analisa a utilização da mitologia como uma ponte entre a literatura clássica e a literatura juvenil. A questão central da pesquisa é: De que forma a mitologia pode aproximar os jovens leitores de obras clássicas? Para responder a essa questão, foi realizada uma análise comparativa de fragmentos de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e *O Último Olimpiano*, de Rick Riordan. O objetivo principal é investigar como a presença de elementos mitológicos em obras juvenis pode despertar o interesse dos leitores pelo conteúdo clássico. A pesquisa parte da hipótese de que a familiaridade dos jovens com a mitologia greco-romana em narrativas modernas facilita a transição para a literatura clássica. A metodologia adotada envolve a análise dos trechos mitológicos presentes nas duas obras, destacando suas similaridades e diferenças na abordagem dos mitos. A pesquisa também apresenta uma proposta de sequência didática que integre teoria e prática, incentivando o letramento literário e a apreciação crítica das obras analisadas. Os resultados esperados apontam para a potencialidade de usar a mitologia como estratégia eficaz na formação de leitores mais engajados com a literatura clássica.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; literatura juvenil; literatura clássica; análise comparativa; sequência didática.

RESUMEN: Este artículo, situado en el campo de la Literatura Comparada, analiza el uso de la mitología como un puente entre la literatura clásica y la literatura juvenil. La pregunta central de la investigación es: ¿De qué manera la mitología puede acercar a los jóvenes lectores de las obras clásicas? Para responder a esta pregunta, se realizó un análisis comparativo de fragmentos de *Os Lusíadas*, de Luis de Camões, y *O Último Olimpiano*, de Rick Riordan. El objetivo principal es investigar cómo la presencia de elementos mitológicos en obras juveniles puede despertar el interés de los lectores por el contenido clásico. La investigación parte de la hipótesis de que la familiaridad de los jóvenes con la mitología grecorromana en narraciones modernas facilita la transición hacia la literatura clásica. La metodología adoptada involucra el análisis de los fragmentos mitológicos presentes en ambas obras, destacando sus similitudes y diferencias en el abordaje de los mitos. La investigación también presenta una propuesta de secuencia didáctica que integre teoría y práctica, fomentando la alfabetización literaria y la apreciación crítica de las obras analizadas. Los resultados esperados apuntan para la potencialidad de usar la mitología como estrategia eficaz en la formación de lectores más comprometidos con la literatura clásica.

PALABRAS CLAVE: Mitología; literatura juvenil; literatura clásica; análisis comparativo; secuencia didáctica.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe investigar a relação entre mitologia e o incentivo à leitura dos jovens leitores para obras clássicas, com foco na análise comparativa de trechos selecionados de

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador: Prof. Dr. Diego Gomes do Valle.

² Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Os Lusíadas e *O Último Olimpiano*. Por meio de uma abordagem teórico-prática, buscamos compreender como a mitologia greco-romana é incorporada nessas obras e como essa incorporação pode influenciar o interesse e engajamento dos leitores contemporâneos.

A literatura clássica tem desempenhado um papel fundamental na formação intelectual e cultural dos indivíduos ao longo dos séculos. Obras como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, representa o exemplo marcante desse legado literário, transcendendo fronteiras temporais e culturais. No entanto, o desafio contemporâneo reside em atrair a atenção e o interesse dos jovens leitores para essas obras que, muitas vezes, são percebidas como distantes e antiquadas, seja pela linguagem distinta, seja pelas referências históricas e mitológicas desconhecidas ou longínquas aos leitores do nosso tempo.

Segundo Calvino (2007, p. 10): “as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência de vida.” Esta citação reflete a percepção comum sobre os desafios enfrentados pelos jovens leitores que, de fato, são caracterizados por uma série de transições e desenvolvimento e isso pode influenciar significativamente o engajamento dos jovens com a leitura.

No entanto, a impaciência, a distração e a inexperiência não são insuperáveis. Podemos tomar como ponto de partida a afinidade que muitos jovens desenvolvem por sagas literárias. Esses livros combinam aventura, mitologia e personagens cativantes, prendendo a atenção dos jovens leitores, proporcionando-lhes, num primeiro momento, prazer e escapismo, para posteriormente acrescentar experiências humanas outras que aquela que empiricamente vivencia, conforme discorre Antonio Candido no célebre ensaio “O direito à literatura”.

Através de trechos do livro *O Último Olimpiano*, pretendemos ajudar os jovens a perceber a riqueza da mitologia greco-romana, um tema que também é central em *Os Lusíadas*. Ao fazer essa ponte entre a literatura contemporânea e a clássica, podemos, como educadores, ajudar nossos estudantes a verem os clássicos não como textos arcaicos e distantes, mas como obras vibrantes e significativas, pois os mitos seguem vivos, por sua potência humana inesca-pável.

Considerando esses desafios, o projeto tem como principal objetivo analisar como a mitologia pode ser utilizada como meio de aproximação entre a literatura juvenil e a literatura clássica, a partir do estudo de *Os Lusíadas*, de Camões, e do livro *O Último Olimpiano*, de Rick Riordan.

Para tal propósito, será desenvolvida uma proposta de sequência didática em que iniciaremos com o livro *O Último Olimpiano*, de Rick Riordan, focando principalmente em fragmentos que tenham a mitologia presente. Posteriormente, será feito o mesmo com a obra *Os Lusíadas*, em que serão retirados fragmentos que possam ser comparados e aproximados pela mitologia. Assim, será desenvolvida uma abordagem pedagógica adequada, que inclua orientação, contextualização e atividades interativas para cultivar o interesse e a proficiência dos jovens na leitura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa está organizado em cinco eixos de fundamentação, apresentados separadamente. Na seção 2.1 iniciaremos descrevendo o que são os clássicos e sua importância na atualidade, conforme Antoine Compagnon em *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2010), Italo Calvino em *Por que ler os clássicos* (2007), Jorge Luis Borges em *Sobre los clásicos* (1980), *O direito à literatura* de Antonio Candido (2011) e *A literatura e o apelo das massas* de Regina Zilberman (1984) esclarecendo que estamos cientes da discussão de fundo sobre as obras periféricas. Em seguida, na seção 2.2, buscaremos compreender e explicar o modelo educacional dos gregos de acordo com o que encontramos nas reflexões de Werner Jaeger, em *Paideia: a formação do homem grego* (2013). As seções 2.3 e 2.4 serão dedicadas para a apresentação dos fragmentos selecionados das obras *Os Lusíadas* (2022) e *O Último Olimpiano* (2023) respectivamente. Por fim, na seção 2.5 abordaremos o conceito de “letramento literário”, conforme o conceitua Rildo Cosson, que sustentará a proposta de sequência didática apresentada em nosso trabalho.

2.1 Sobre os clássicos

Os clássicos são obras que transcendem sua época e contexto, permitindo múltiplas leituras e interpretações, podemos constatar isso a partir de Borges (1980) o qual nos diz que um “clássico es aquel libro que una nación o un grupo de naciones o el largo tiempo han decidido leer como si en sus páginas todo fuera deliberado, fatal, profundo como el cosmos y capaz de interpretaciones sin término”.

Essa capacidade de gerar interpretação interminável é o que torna um clássico uma obra eterna³ e indispensável no cânone literário, proporcionando um espelho através do qual podemos entender melhor o mundo e a nós mesmos. Borges sugere que um clássico é, em essência, um microcosmo do universo, contendo em suas páginas complexidade e profundidade. E assim como o universo é repleto de significados e possibilidades infinitas, os clássicos contêm uma riqueza de camadas e interpretações que podem ser continuamente exploradas. A cada leitura, podemos desvendar novos aspectos e encontrar novas verdades e perspectivas dentro de suas páginas.

Sob o mesmo ponto de vista, encontramos em Calvino (2007, p. 12) a seguinte reflexão: “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”. Esta observação de Calvino sublinha a capacidade dos clássicos de surpreender e cativar os leitores, independentemente de quantas vezes eles tenham sido lidos ou discutidos. A leitura dessas obras revela camadas que vão além do conhecimento superficial, mostrando-se sempre inovadoras.

Neste sentido, Compagnon, em *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2010, p. 237), nos apresenta a visão de Sainte-Beuve sobre os clássicos, destacando a diferença entre a perspectiva do escritor e a do professor

[...] o ponto de vista era do escritor, para quem os clássicos, na sua diversidade, na sua originalidade, no seu frescor incessante, servem de estímulo; mas, na Escola Normal, é o professor quem fala, e o critério de valor não é mais o mesmo: não é mais a admiração fecunda do escritor-aspirante por seus predecessores, mas a aplicação da literatura à vida, sua utilidade na formação dos homens e dos cidadãos.

Essas perspectivas ressaltam a múltipla importância dos clássicos. Eles são simultaneamente fontes inesgotáveis de inspiração literária e instrumentos essenciais de educação e formação. Ao reconhecer e integrar essas abordagens, podemos compreender e valorizar a contribuição dos clássicos no desenvolvimento artístico, na formação cultural e cívica dos leitores. Este entendimento é essencial para aproximar os jovens da literatura clássica através de

³ Borges revela uma interessante tensão em relação à natureza dos clássicos. Em seus ensaios, o escritor argentino demonstra uma postura relativista, sugerindo que a valorização de uma obra clássica pode variar ao longo do tempo e entre diferentes públicos. No entanto, essa visão relativista coexiste com momentos em que o autor celebra a imutabilidade do valor de certos clássicos. Em poemas como *A Luís de Camoens*, Borges parece elevar o poeta português a um pedestal, atribuindo-lhe um valor atemporal e universal. Essa contradição pode ser explicada pela própria complexidade da experiência literária, pois a leitura é um ato subjetivo, influenciado por diversos fatores históricos e culturais. Assim, essa ambivalência reflete a própria natureza da literatura, que é ao mesmo tempo histórica e atemporal, individual e universal.

obras contemporâneas que dialoguem com a mitologia e temas eternos, como exemplificado nas obras *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e *O Último Olimpiano*, de Rick Riordan.

Segundo Zilberman (1984, p. 13)

A industrialização da cultura, que, num primeiro momento, tem a literatura como modelo, não pode ser separada deste outro acontecimento: a instrução generalizada das camadas urbanas. Este fato estimula o aparecimento de dois tipos de instrumento pedagógico: a literatura voltada ao lazer, meio propício ao escapismo e à ilusão; e a literatura destinada ao saber, veículo para a transmissão de conhecimentos úteis à vida prática e garantia futura de um lugar digno na sociedade.

Essa observação faz uma ponte direta com a importância do papel do professor na mediação das diferentes formas literárias. Ao considerar os clássicos como fontes inesgotáveis de inspiração e instrumentos de formação cultural e cívica, é essencial que, como professores, ajudemos nossos estudantes a navegar por essas duas esferas literárias de maneira equilibrada.

Embora livros populares como a obra *O Último Olimpiano*, utilizada nesta pesquisa, possua um valor inegável ao aproximar o público jovem da leitura; a literatura clássica, com sua complexidade e profundidade, oferece aos leitores a oportunidade de desenvolver um pensamento mais crítico e racional, além de refletir sobre questões profundas da humanidade e da sociedade.

Dessa forma, o papel dos professores, segundo o que defendemos, é incentivar os alunos a transcenderem o mero entretenimento e utilizar essas leituras que dialogam com a mitologia e temas universais como um trampolim para leituras mais densas e complexas. A mediação pedagógica então torna-se essencial para evitar que os alunos se restrinjam ao senso comum e ao consumo passivo de literatura de massa.

Cada leitor traz para o texto suas experiências, sua visão de mundo e seus valores, o que enriquece ainda mais a obra e permite que ela seja constantemente renovada a cada nova leitura. No caso de *Os Lusíadas*, isso se torna evidente à medida que diferentes gerações e contextos históricos reinterpretam a epopeia camoniana de maneiras diversas, apropriando-se de suas temáticas heróicas, mitológicas e culturais para dar sentido às suas próprias realidades.

Essa multiplicidade de interpretações é uma das grandes riquezas da literatura clássica: ela transcende o tempo e o espaço, permitindo que os leitores não apenas entendam o passado, mas reflitam sobre o presente e o futuro. No entanto, essa liberdade interpretativa só se torna

possível quando o leitor aceita o pacto ficcional⁴ e se dispõe a vivenciar a obra em sua totalidade. Ao mergulhar no universo de Camões, o leitor não só revisita os feitos históricos dos navegadores portugueses, como também se depara com questões universais de coragem, destino e identidade, que continuam a ressoar até hoje.

Assim, o grande poeta, ao tratar de temas tão profundos e fundamentais, entrega sua obra às mãos dos leitores, que a transformam e renovam conforme suas próprias leituras (Rebelo, 1979, p. 61). A obra, portanto, não permanece estática no tempo, mas vive através das gerações que se conectam com ela, enriquecendo-a e garantindo sua relevância contínua. Esse é o verdadeiro legado da literatura: a capacidade de transcender o momento histórico e se tornar um espelho no qual cada leitor pode se enxergar e encontrar novas respostas para os dilemas humanos.

Candido, em sua reflexão sobre a literatura, nos convida a enxergar a leitura como uma jornada complexa e multifacetada para ele “a literatura não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração” (Candido, 2011, p. 178). Dessa forma, ele reforça a ideia de que a literatura vai além do simples entretenimento; ela tem o poder de afetar profundamente o leitor, desafiando-o emocional e intelectualmente. Assim como a vida, a literatura é uma experiência intensa, pois transfigura e amplifica os dilemas e conflitos humanos.

Logo, a literatura, não apenas reflete a vida, mas a intensifica, levando o leitor a confrontar suas próprias crenças, emoções e valores. Esse processo de leitura, de entrega e confronto, é o que garante a relevância contínua das grandes obras. Ao longo das gerações, a literatura clássica permanece viva justamente por essa capacidade de provocar novas reflexões e de espelhar a complexidade da experiência humana, tornando-se, assim, um legado permanente de inquietação e crescimento para cada nova geração de leitores.

Ademais, “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto; [...] e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*” (Candido, 2011, p. 179). Outrossim, a obra literária não é apenas um reflexo passivo da realidade, mas uma criação ativa que modela e desafia a visão de mundo de quem a lê. A construção literária, enquanto pro-

⁴ A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão da descrença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. De acordo com John Searle, o autor simplesmente finge dizer a verdade. Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que é narrado de fato aconteceu (Eco, 1994, p. 81).

duto estético e intelectual, não se limita a reproduzir o que já foi vivido, mas propõe novas formas de compreender a existência humana.

Sendo assim, necessitamos ser capazes de despertar consciências e inspirar mudanças, pois “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2011, p. 193). A oferta das grandes obras literárias como direito básico permite que indivíduos de todas as origens possam se beneficiar da riqueza estética e intelectual que elas proporcionam. Além disso, essa acessibilidade fomenta a crítica social, a reflexão e o diálogo, aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.2 Modelo educacional dos gregos

Jaeger menciona em sua obra *Paideia* (2013, p. 60) que Platão reconhecia “Homero como o educador de toda a Grécia”. Podemos associar essa ideia à vinculação de Homero não apenas como uma representação da estética literária, mas também da ética. “A não separação entre a estética e a ética é característica do pensamento grego primitivo” (Jaeger, 2013, p. 60), o que significa que para os gregos, os mitos⁵ não eram apenas narrativas para entretenimento, mas possuíam uma finalidade moral. Não havia diferença entre a estética e a ética; aquilo que era belo também era bom. A obra de arte não era apenas para apreciação, também era para o aprendizado, e ninguém exemplificou isso melhor que Homero. Conforme Jaeger, (2013, p. 66-67):

O mito contém em si esse significado normativo, mesmo quando não é empregado expressamente como modelo ou exemplo. Ele não é educativo pela comparação de um acontecimento da vida corrente com o acontecimento exemplar que lhe corresponde no mito, mas sim pela sua própria natureza.

Assim, isso reforça nossa perspectiva de enxergar nos mitos um valor que vai além do estético, ou seja, um valor educacional. Jaeger nos diz que esse fundamento moral é constitu-

⁵ O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores [...] O mito é pois a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo do que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. ‘Dizer’ um mito é proclamar o que se passou *ab origine*. Uma vez ‘dito’, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta [...] A função mais importante do mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. (Eliade, 1992, p. 80-82).

tivo de todo mito, sendo formativo em sua essência. Os mitos, apesar de belos e interessantes, apresentam esse conteúdo primeiro de ser formativo.

Dessa maneira, Jaeger destaca como Homero utilizava exemplos míticos para lidar com todas as situações da vida, oferecendo conselhos, advertências e ordens, sempre recorrendo ao mito como uma instância normativa de validade universal. Essa abordagem sublinha a importância dos mitos na formação cultural e moral dos indivíduos na Grécia Antiga. Ademais, além da importância dos mitos, Jaeger (2013, p. 63) enfatiza que

Na epopeia manifesta-se a peculiaridade da educação helênica como em nenhum outro poema. Nenhum outro povo criou por si mesmo formas de espírito comparáveis àquelas da literatura grega posterior. Dela nos vêm a tragédia, a comédia, o tratado filosófico, o diálogo o tratado científico sistemático, a história crítica, a biografia, a oratória jurídica e panegírica, a descrição de viagens e as memórias, as coleções de cartas, as confissões e os ensaios.

Desse modo, a epopeia funciona como uma matriz cultural e intelectual, estabelecendo-se como base para o desenvolvimento de novas narrativas que abordam temas relacionados à condição humana. Assim, ao descenderem da epopeia, esses gêneros não apenas mantêm a continuidade com o passado como ampliam o repertório cultural, ressignificando antigos ensinamentos para responder aos desafios e questões de cada época.

Outro aspecto relevante presente na tradição literária clássica é a invocação às Musas⁶, pedindo-lhes uma intervenção divina para que possam transmitir suas narrativas com grandeza e profundidade. Esse pedido configura um rito de passagem do cotidiano para o sublime, pois sugere que a criação literária exige algo além da habilidade humana, como se a presença das musas lhes concedesse a autoridade para expressar uma verdade universal. No caso de Camões, em *Os Lusíadas*, essa invocação não é apenas uma busca por inspiração, mas um gesto de humildade diante da grandiosidade da tarefa de contar a história de seu povo. Podemos constatar essa ideia na obra de Jaeger (2013, p. 66) quando nos expõe que:

A possessão e o delírio das musas apoderam-se de uma alma sensível consagrada, despertam-na e extasiam-na em cantos e em toda a sorte de criações poéticas; e ela, enquanto glorifica os inúmeros feitos do passado, educa a posteridade. [...] Parte da

⁶ As Musas são filhas de Mnemósine e de Zeus (v. *Mnemósine*) e são nove irmãs, fruto de nove noites de amor [...] as Musas não são somente as Cantoras divinas, cujos coros e hinos alegam Zeus e todos os deuses; presidem também ao Pensamento em todas as suas formas: eloquência, persuasão, sabedoria, história, matemáticas, astronomia. Hesíodo louva-lhes os benefícios: são elas que acompanham os reis e lhes ditam palavras persuasivas, que lhes são necessárias para sanar querelas e restabelecer a paz entre os homens (Grimal, 2005, p. 319).

união necessária e inseparável de toda a poesia com o mito – o conhecimento das grandes ações do passado – e daí deriva a função social e educadora do poeta.

“O mito é como um organismo: desenvolve-se, transforma-se e se renova sem cessar. É o poeta que realiza essa transformação” (Jaeger, 2013, p. 95). Os mitos são ressignificados a partir do momento em que alguém os absorve e os trata de uma maneira diferente. Camões, ao utilizar esses mitos antigos, dá-lhes um tratamento próprio, fazendo com que os personagens mitológicos sejam relativamente diferentes, mas nunca absolutamente diferentes. Eles são os mesmos que aparecem na antiguidade grega, mas tem um toque pessoal de Camões, evidenciando a ideia de uma renovação incessante trazida por Jaeger.

Assim, ao criar *Os Lusíadas*, Camões seguiu uma linha semelhante ao incorporar mitos em sua epopeia. Ele não apenas adotou a estrutura e estilo da epopeia clássica, mas também utilizou os mitos como ferramentas para explorar e comentar sobre as experiências humanas e os valores universais. Em *Os Lusíadas*, os mitos greco-romanos são recontextualizados para abordar questões contemporâneas do período de Camões, como a expansão marítima portuguesa e os desafios enfrentados pelos navegadores.

Ele estava interessado nesse tipo de representação universal enquanto escritor renascentista, preocupado em aproveitar as bases clássicas dos gregos para a finalidade de constituir uma obra de valor universal como *Os Lusíadas*. Ao fazer isso, Camões manteve a essência dos mitos, respeitando sua profundidade e capacidade de fornecer lições morais e éticas, enquanto adaptava suas narrativas para ressoar com o público de sua época.

Essa capacidade de adaptação e renovação dos mitos também nos é evidente na obra contemporânea *O Último Olimpiano* de Rick Riordan. Assim como Camões, Riordan utiliza os mitos para explorar temas universais e proporcionar uma conexão entre o passado e o presente. Em *O Último Olimpiano*, os mitos são reimaginados para abordar as aventuras e desafios enfrentados por adolescentes. Riordan consegue renovar esses mitos, tornando-os acessíveis e relevantes para o público jovem de hoje, enquanto mantém sua essência e significado.

A utilização dos mitos como ferramenta para orientar e refletir sobre a experiência humana é uma característica fundamental da epopeia clássica. Werner Jaeger (2013, p. 67) destaca essa conexão ao observar que

uma prova da íntima conexão entre a epopeia e o mito é o fato de Homero usar exemplos míticos para todas as situações imagináveis da vida em que um homem

pode estar na presença de outro para aconselhar, anunciar, admoestar, exortar e lhe proibir ou ordenar qualquer coisa.

Dessa maneira, a mitologia greco-romana, em particular, serve como um importante reservatório de símbolos e narrativas que podem ser utilizados para explorar questões complexas sobre a natureza humana, a sociedade e a realidade que nos cerca.

Assim, tanto Homero quanto Camões e Riordan utilizaram os mitos como uma forma de espelho, refletindo e comentando sobre a condição humana, mostrando que, apesar das diferenças de contexto histórico, os mitos continuam a oferecer diferentes percepções sobre a vida, visto que “o mito serve sempre de instância normativa para a qual apela o orador. Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal” (Jaeger, 2013, p. 67).

Em *Os Lusíadas*, Camões utiliza figuras míticas e elementos da mitologia para dramatizar a jornada épica dos navegadores portugueses, conectando o heroísmo e as experiências dos personagens a uma narrativa que busca representar a bravura, ambição e os dilemas da expansão marítima. Através dos mitos, Camões narra as virtudes e falhas da humanidade, especialmente em relação ao poder e ao destino, ilustrando que os desafios enfrentados pelos personagens transcendem o contexto português da época.

Logo, Riordan adapta mitos antigos ao contexto moderno em suas séries, como em *Percy Jackson e os Olimpianos*, usando mitos gregos para abordar questões atuais de identidade, pertencimento e superação pessoal. Ao reimaginar os mitos de forma a dialogar com o público jovem, Riordan evidencia a universalidade desses temas, mostrando que conflitos de identidade, amizade, responsabilidade e coragem vividos pelos heróis antigamente, ainda ecoam na vida hoje em dia. Dessa forma, as narrativas épicas e míticas não apenas refletem as aspirações e valores de seu tempo, mas servem como uma base contínua para o desenvolvimento de novas maneiras de educar, inspirar e compreender a condição humana ao longo dos séculos, visto que “o simples fato de manter viva a glória através do canto é, por si só, uma ação educadora” (Jaeger, 2013, p. 66).

Portanto, a obra de Werner Jaeger, particularmente nos capítulos “Homero como educador” e “Hesíodo e a vida do campo” em *Paideia* (2013), oferece-nos uma visão aprofundada sobre a centralidade dos mitos na cultura grega. Embora estejamos cientes da profundidade e abrangência da obra de Jaeger, focamos principalmente nesses capítulos. A obra, como um todo, examina os fundamentos da cultura grega, destacando que tudo começa com os mitos.

2.3 *Os Lusíadas*

A obra *Os Lusíadas* é de grande importância para a nossa pesquisa, pois, além de ser um clássico da literatura, registra uma necessidade fundamental de se contar e preservar as histórias da humanidade. Afinal, Camões, assim como em outros clássicos a exemplo de Dom Quixote, nos questiona sobre o que é mais importante: alcançar conquistas bélicas ou ter quem conte essas histórias, eternizando-as para gerações futuras.

Assim, para desenvolvermos a nossa pesquisa, trabalharemos a mitologia presente no Canto I de *Os Lusíadas* (2022, p. 17-48), representada nos fragmentos selecionados, estabelecendo uma relação intertextual com a mitologia presente em *O Último Olimpiano*.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloco e corrente,
Porque de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

5

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

12

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei o ao Reino tal serviço,
Um Egas, e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara para eles só cobiço;
Pois pelos Doze Pares dar-vos quero

Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.

20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via-Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

24

“Eternos moradores do luzente
Estelífero Pólo e claro Assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

30

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

33

Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

36

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava
(*Merencório* no gesto parecia),
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando para trás, medonho e irado.

38

E disse assim: “Ô Padre, a cujo império

Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente, que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

41

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valoroso,
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso,
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Para os determinados aposentos.

74

“Está do fado já determinado
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes belicosas.
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei-de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?”

76

Não será assim, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à Terra e o indignado
Peito revolverei da Moura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.”

77

Isto dizendo, irado e quase insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu.
E, para melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e com Xequê muito valido.

100

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Cítère celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota,
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos *contrairos* a desvia

Donde o piloto falso a leva e guia.

Os fragmentos selecionados de *Os Lusíadas* revelam a grandiosidade e a profundidade da obra de Luís de Camões. Em sua epopeia, Camões invoca as musas e os deuses da mitologia romana para conferir um caráter épico à narrativa, destacando a importância divina e a predestinação das descobertas lusitanas. As passagens também mostram a interação entre os deuses, como Júpiter, Vênus e Marte discutindo e influenciando o destino dos portugueses, destacando a proteção divina e a oposição de entidades como o Baco.

Interessante registrar que, neste início da epopeia de Camões, a mitologia romana serve para duas finalidades: em primeiro lugar, é contraposta a heróis históricos portugueses; além disso, no plano do enredo, serve para introduzir a trama da disputa entre os deuses, que interfere diretamente na trama humana.

Ao iniciar a terceira estrofe com “Cessem do sábio Grego e do Troiano”, os míticos Odisseu e Eneias são símbolos da tônica em *Os Lusíadas*: a imposição da cultura portuguesa cristã sobre a cultura mítica de gregos e romanos, a quem Netuno e Marte obedecem. Na sequência, as Tágides são um exemplo da tradução portuguesa das Musas míticas, uma vez que são entidades próprias do Rio Tejo. Por outro lado, os heróis míticos são contrapostos a figuras históricas e que são tão ou mais heroicas que as figuras conhecidas da mitologia.

Já a trama mitológica que divide espaço com a viagem de Vasco e companhia possui a seguinte estrutura: há um plano físico, no qual se dá a viagem historicamente registrada pelos historiadores portugueses, e um plano metafísico, que não é visto pelos personagens históricos a não ser em seus efeitos (nocivos ou benéficos aos portugueses) e que ocorre em uma dimensão outra. Nos trechos citados acima, vemos, a título de exemplo, o Concílio dos Deuses, no qual os portugueses saem vencedores, pois recebem votos importantes de proteção vindos de Júpiter, Vênus e Marte, ao passo que Baco já se mostra como o antagonista mitológico dos navegantes portugueses.

Assim, percebemos que os elementos mitológicos, se explorados em uma dinâmica de ensino, revelará aspectos relevantes quanto ao tratamento das culturas envolvidas (cristianismo, helenismo e cultura romana) e aprofundamentos simbólicos relativos às divindades mitológicas citadas (amor-Vênus, poder-Júpiter, guerra-Marte, hedonismo-Baco). Cabe, assim, a quem media tais relações o aproveitamento criativo e propiciador de diálogos.

2.4 O Último Olimpiano

Seguindo o mesmo raciocínio utilizado na obra *Os Lusíadas*, separamos fragmentos de *O Último Olimpiano* que serão utilizados para realizar a comparação em relação à utilização da mitologia por ambos os autores.

De repente, eu me sentia mais esperançoso. Meu pai tinha poderes inacreditáveis. Ele era o deus do mar. [...] Sei que isso pode parecer esquisito para as pessoas que têm, hã, pais comuns, mas eu só vira meu pai quatro ou cinco vezes em toda a vida, e nunca por mais de uns poucos minutos. Os deuses gregos não frequentam os jogos de basquete dos filhos. Ainda assim, achei que fosse reconhecer Poseidon assim que o visse (Riordan, 2023, p. 37).

Chris Rodriguez veio correndo da carruagem voadora. Ele e Clarisse deviam ter vindo até aqui perseguindo os campistas de Ares, que equivocadamente haviam seguido a outra garota, acreditando que fosse sua líder. Mas ainda não fazia sentido. [...] A verdadeira Clarisse ergueu os olhos para o *drakon*, o rosto cheio do mais puro ódio. Eu vira um olhar com aquela intensidade apenas uma vez. Seu pai, Ares, tinha a mesma expressão quando eu o enfrentara (Riordan, 2023, p. 295-296).

Quando cruzávamos a área comum, começou uma briga entre os chalés de Ares e Apolo. Alguns campistas de Apolo armados com bombas atacaram o chalé de Ares em uma carruagem puxada por dois pégasos. [...] Logo o telhado do chalé de Ares estava pegando fogo, e náíades do lago de canoagem corriam até o local para jogar água.

Então, os campistas de Ares lançaram uma maldição, e todas as flechas dos filhos de Apolo se transformaram em borracha. Os filhos de Apolo continuavam a atirar contra os de Ares, mas as flechas batiam e quicavam.

Dois arqueiros passaram correndo, perseguidos por um filho de Ares furioso, que gritava em versos:

– Maldição, pois sim! Vocês vão me pagar! / Não quero passar o dia todo a rimar!

Annabeth suspirou.

– Isso de novo, não. Da última vez que Apolo amaldiçoou um chalé, levou uma semana até que terminassem as paradas de versos (Riordan, 2023, p. 72).

Ela foi tão inspiradora que até mesmo os centauros em pânico começaram a se reagrupar. As Caçadoras catavam as flechas de quem havia caído e lançavam saraivada após saraivada sobre o inimigo. O chalé de Ares brandia suas espadas, que era o que eles mais gostavam de fazer. Os monstros recuaram na direção da Rua 35.

Clarisse guiou a carruagem até a couraça do drakon e passou uma corda por suas cavidades oculares. Ela açoitou seus cavalos e decolou, arrastando o drakon atrás da carruagem como um dragão de Ano-novo chinês. Perseguiu o inimigo, gritando insultos e desafiando-os a irem ao encontro dela. Enquanto guiava, percebi que ela estava literalmente brilhando. Uma aura de fogo vermelho tremulava à sua volta.

– A bênção de Ares – disse Thalia. – Eu nunca tinha visto isso pessoalmente (Riordan, 2023, p. 299).

– POSEIDON! - rugiu uma voz.

Zeus ocupara seu trono. Do outro lado da sala, olhou ferozmente para meu pai, enquanto todos os outros deuses seguiam-no em fila e sentavam-se em seus tronos. Até Hades estava presente, sentado junto ao fogo em uma simples cadeira de pedra para convidados. Nico sentava-se de pernas cruzadas no chão, aos pés de seu pai.

– Então, Poseidon? - resmungou Zeus. – Está orgulhoso demais para se juntar a nós no Conselho, meu irmão?

Pensei que Poseidon fosse ficar furioso, mas ele só me olhou e piscou.

– Ficaria honrado, senhor Zeus.

Acho que milagres acontecem. Poseidon dirigiu-se à sua cadeira de pesca, e o Conselho Olímpico se reuniu (Riordan, 2023, p. 347).

Era um sujeito gorducho, com uma camisa de estampa de pele de leopardo, short roxo, tênis de corrida vermelhos e meias pretas, o que não permitia que ele passasse despercebido. Seu nariz era muito vermelho. Uma atadura envolvia seus cabelos negros encaracolados, como se ele estivesse se recuperando de um traumatismo.

Eu pisquei.

– Sr. D?

Ele suspirou, sem tirar os olhos do jogo.

– Francamente, Peter Johnson, quanto tempo vai levar para que você me reconheça de imediato?

– Provavelmente, o mesmo tempo que vai levar para o senhor aprender meu nome – murmurei. - Onde estamos?

– Ora, na festa de aniversário de Bobby Earl – respondeu Dioniso. – Em algum lugar da adorável América rural. [...]

– Hora da diversão – disse Dioniso. - Você certamente, deve ter ouvido falar disso. Onde quer que haja uma festa, minha presença é evocada. Por isso, posso existir em muitos lugares diferentes ao mesmo tempo (Riordan, 2023, p. 268-269).

Através das aventuras de Percy Jackson, Riordan explora a relação complexa entre os jovens heróis e os deuses gregos, abordando temas de identidade, poder e responsabilidade. A presença de figuras mitológicas como Poseidon, Ares, Apolo e Dioniso, retratadas com características humanas e falhas, confere uma dimensão acessível e envolvente à mitologia, tornando-a relevante para o público jovem.

Além disso, o autor também revela a relação complexa entre os semideuses, como Percy Jackson, e os deuses gregos, destacando as questões de abandono, rejeição e busca por aceitação. Através das aventuras de Percy e seus amigos, Riordan mostra como os jovens heróis lidam com o peso da expectativa dos deuses e a pressão de viver à altura de suas linhagens. A inclusão de personagens como Hermes, o mensageiro dos deuses, e sua relação complexa com seu filho, Luke, adiciona outra camada de profundidade à narrativa, explorando temas de paternidade, lealdade e redenção.

Destaca-se também a importância da amizade e da lealdade entre os personagens, mostrando como as relações entre Percy, Annabeth, Grover e outros são fundamentais para superar os desafios que enfrentam. Essa combinação de aventura e mitologia escrita de maneira contemporânea torna-se capaz de cativar leitores e inspirar um novo interesse pela mitologia grega.

A fantasia, presente nas aventuras de Percy e seus amigos, funciona como uma ponte entre o mundo real e um universo repleto de possibilidades. Ao mergulharem em narrativas

míticas, os jovens leitores encontram um refúgio seguro para explorar seus medos, anseios e questionamentos. A literatura juvenil, nesse sentido, vai além do entretenimento, ela oferece modelos de identificação que ajudam os adolescentes a se sentirem menos sozinhos diante dos desafios da vida.

Ao se conectarem com personagens que enfrentam problemas semelhantes, os jovens são inspirados a buscar suas próprias soluções e a desenvolverem sua criatividade. Através da fantasia, a literatura juvenil se torna um espaço para a construção da identidade e para o desenvolvimento da imaginação, preparando os jovens para os desafios do mundo.

Por conseguinte, assim como Percy Jackson em sua jornada épica para descobrir suas origens divinas e enfrentar monstros mitológicos, os navegadores portugueses de *Os Lusíadas* embarcam em uma odisséia repleta de perigos e desafios. Ambos se deparam com criaturas fantásticas e forças sobrenaturais, desde monstros marinhos a deuses olímpicos, que simboliza os obstáculos que a vida impõe. A mitologia, presente em ambas as obras, serve como pano de fundo para explorar temas universais como a coragem, a perseverança e a busca por um destino maior. Tanto os semideuses quanto os marinheiros portugueses são impulsionados por um desejo de glória e reconhecimento, enfrentando tempestades, inimigos poderosos e dilemas morais ao longo de suas aventuras.

No contexto de nossa pesquisa, esses fragmentos, assim como os fragmentos retirados da obra *Os Lusíadas*, estabelecem uma ponte intertextual que evidencia a continuidade e a transformação dos mitos ao longo do tempo, bem como sua importância educativa e cultural. Assim, a abordagem comparativa permite explorar tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os textos, propiciando uma compreensão mais acentuada e contextualizada da literatura.

2.5 Letramento Literário

Conforme Soares (2003, p. 72), “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. Logo, o letramento literário não pode ser abordado de maneira descontextualizada. Deve ser entendido como um processo dinâmico que dialoga com as realidades sociais, econômicas e culturais das pessoas. O modo como os estudantes interagem com os textos, seja na escola ou em casa, é influenciado pelas demandas

e expectativas do grupo ao qual pertence, bem como pelas práticas de leitura e escrita que têm sentido e relevância nesse espaço.

Nesse sentido, a importância da literatura no contexto educacional não pode ser subestimada. Ela desempenha um papel vital na formação do pensamento crítico, na ampliação do vocabulário e na construção de uma visão de mundo mais ampla e empática. Sob essa perspectiva, Cosson (2022, p. 17) nos diz que:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas.

Através da leitura de obras literárias, os alunos têm a oportunidade de explorar diversas culturas, épocas e experiências, desenvolvendo uma compreensão mais profunda e refinada das nuances da vida. Essa imersão no mundo literário enriquece o conhecimento intelectual, promove o crescimento emocional e ético, preparando os estudantes para se tornarem cidadãos conscientes e sensíveis.

O uso da literatura como matéria educativa tem longa história, a qual antecede a existência formal da escola, Regina Zilberman, em *Sim, a literatura educa* (1990), lembra-nos, a esse respeito, que as tragédias gregas tinham o princípio básico de educar moral e socialmente o povo. [...] Essa tradição cristaliza-se no ensino da língua nas escolas com um duplo pressuposto: a literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo (Cosson, 2022, p. 20).

Dessa maneira, entendemos que a literatura é uma ponte fundamental entre a educação formal escolar e a formação integral do ser humano. Assim, a literatura mantém um lugar especial nas escolas, pois transforma a materialidade do mundo em palavras. Ainda de acordo com Cosson (2022) o letramento literário é uma prática social de responsabilidade da escola, portanto, cabe a ela proporcionar aos alunos não apenas o contato com textos literários, como também a compreensão e a reflexão crítica sobre esses textos.

A relevância da pesquisa para o desenvolvimento deste artigo é enfatizada quando analisados os dados de leitura no Brasil, como realizamos de maneira breve no documento do Programme for International Student Assessment (PISA) sendo esse, o maior estudo sobre educação em geral no mundo, para tanto focamos nossa atenção para os dados sobre Letramento em Leitura que segundo o documento é a “capacidade de compreender, usar, avaliar, refletir e envolver-se com textos a fim de alcançar um objetivo, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade” (Brasil, 2023, p. 2).

Destacamos uma preocupação fundamental sobre o desenvolvimento das competências de leitura entre estudantes brasileiros e sua relação com o exercício pleno da cidadania. Os dados do Gráfico 1 (anexo A p. 37), indicam que metade dos estudantes brasileiros não alcançaram o nível básico de leitura, é preocupante, especialmente ao considerarmos que, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), esse nível mínimo é necessário para que esses jovens possam participar ativamente como cidadãos críticos na sociedade. Todavia, ao analisarmos o Gráfico 2 (anexo B p. 37), observamos que a região Sul se destaca, com resultados superiores à média nacional, o que demonstra que é possível, através metodologias eficazes, elevar o nível de leitura dos alunos. Assim, reconhecemos a importância da leitura na formação integral dos estudantes e como base para o desenvolvimento da cidadania. Diante disso, buscamos desenvolver com esse estudo uma proposta de sequência didática para o ensino da leitura, oferecendo subsídios práticos para a melhoria da leitura nas escolas.

À vista disso, a escola deve assumir cada vez mais o papel de mediadora no processo de letramento literário, criando um ambiente que estimule a curiosidade e o prazer pela leitura. Isso implica a adoção de metodologias que integrem a literatura ao cotidiano dos alunos, valorizando suas experiências pessoais e culturais, e promovendo discussões que levem à formação de um pensamento crítico e reflexivo.

Neste sentido, utilizamos como embasamento teórico para nossa proposta de sequência didática o modelo presente na obra de Rildo Cosson, *Letramento literário: teoria e prática* (2022), “A sequência básica”, constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Na elaboração de uma sequência didática voltada para o letramento literário, o passo “motivação” é extremamente relevante, visto que “indicamos que o seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (Cosson, 2022, p. 54). Assim, para que esse “rito de passagem” (Cosson, 2022) ocorra, devemos promover a aproximação entre o mundo familiar ao aluno e o universo da obra. Neste contexto, a utilização da mitologia presente na literatura juvenil *O Último Olimpiano*, pode facilitar esse processo, uma vez que os alunos, muitas vezes, já têm contato prévio com as narrativas mitológicas contemporâneas. As aventuras de Percy Jackson e a ambientação moderna dos deuses e heróis gregos servem como um ponto de parti-

da para explorar o papel da mitologia em *Os Lusíadas*, permitindo que os estudantes percebam que o fascínio por temas mitológicos perpassa o tempo e o espaço.

Ao convidar os alunos a refletir sobre as diferenças e semelhanças entre o mundo mitológico e o mundo real, o docente cria uma atmosfera que incentiva a curiosidade e o engajamento com a obra de Camões. Essa “conversa inicial”, como Cosson (2022) sugere, ajuda a construir uma ponte entre o universo dos heróis clássicos e dos jovens leitores, que passam a enxergar na epopeia portuguesa não apenas um relato distante, mas uma história que também explora valores de coragem, perseverança e identidade cultural. Assim, a motivação fornece um contexto de leitura em que o aluno é convidado a descobrir os elementos épicos e míticos que permeiam tanto *Os Lusíadas* quanto *O Último Olimpiano*. Esse vínculo inicial é essencial, pois permite que os alunos entrem no texto com uma base afetiva e cognitiva que facilita a compreensão e a apreciação do conteúdo literário, reforçando o papel da motivação como descobertas no encontro do jovem leitor com a literatura clássica.

Na sequência, passamos para a “introdução”, conforme Cosson (2022) nesse momento o professor deve apresentar aos alunos o autor e a obra de maneira contextualizada, sem sobrecarregar os alunos com detalhes biográficos ou interpretações expositivas. Para tanto, Cosson sugere que, no momento da introdução, é importante o professor apresentar a obra fisicamente e direcionar a atenção dos alunos para elementos que ajudem a construir uma ponte visual, assim, “vale a pena levar a turma à biblioteca para a retirada do livro diretamente da estante. [...] Nos casos em que se usa uma cópia ou reprodução, convém deixar os alunos manusearem o original do professor” (Cosson, 2022, p. 60). Dessa maneira, como recurso a ser utilizado pode-se apresentar a introdução do livro *Os Lusíadas em quadrinhos*, de Fido Nesti (2015), conforme as figuras 2, 3, 4 e 5 (apêndice A, p. 27-30) que nos apresenta o autor e sua obra de maneira dinâmica e atrativa, ao transformar os versos densos em cenas que mantêm a essência da aventura, estabelecendo conexões entre ela e a versão original da epopeia de Camões que é o foco do trabalho.

Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução (Cosson, 2022, p. 61).

Esse método não só orienta o aluno no início do contato com a obra, mas fortalece sua autonomia e capacidade interpretativa, ampliando seu entendimento e engajamento com o tex-

to. Isso é especialmente relevante para obras clássicas, pois proporciona ao aluno uma relação mais direta e pessoal com o conteúdo, sem perder de vista o contexto e as possibilidades interpretativas da obra.

Em seguida, temos o passo da “leitura”, sendo esse um momento essencial para guiar os alunos em uma experiência de contato e exploração mais acentuada no percurso de apropriação da obra. Entendemos que aproximar os alunos de uma obra clássica como *Os Lusíadas*, apresenta grandes desafios de linguagem e contexto; portanto, o acompanhamento desse processo é fundamental, pois, segundo Cosson (2022) o acompanhamento da leitura é considerada parte essencial nessa etapa da proposta de letramento literário. Entretanto, “o professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura” (Cosson, 2022, p. 62).

“Em muitos casos, a observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno” (Cosson, 2022, p. 64), permitindo ao professor personalizar o apoio de acordo com as necessidades específicas. Nesse sentido, entendemos que para motivar o engajamento com *Os Lusíadas*, uma estratégia eficiente é utilizar referências da literatura juvenil, como *O Último Olimpiano* de Rick Riordan. Neste caso, o universo mitológico das aventuras de Percy Jackson serve como um ponto de partida familiar para os estudantes, aproximando-os da mitologia presente no canto 1 de Camões, que descreve a intervenção dos deuses no percurso dos navegadores portugueses. Assim, começar a leitura com a discussão ou atividades sobre as características dos deuses e sua influência no destino dos heróis em *O Último Olimpiano* cria uma ponte com o Canto 1 de *Os Lusíadas*, na qual, figuras como Vênus e Marte assumem papéis importantes na trama épica.

Ademais,

a leitura do texto literário, [...] é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente. Conhecer a história ou saber o final de um romance jamais substitui essa experiência, tanto que continuamos a ler obras cujos “segredos” são amplamente conhecidos. O que nos leva a ler um clássico, por exemplo, é a experiência estética que ele proporciona e não simplesmente a história que conta (Cosson, 2022, p. 63).

É essencial, portanto, que se trabalhem os elementos estéticos presentes na obra de Camões com os estudantes para que aprendam a apreciar e respeitar a riqueza dos clássicos. Em *Os Lusíadas*, assim como na *Iliada* de Homero, a linguagem poética, as imagens míticas e o uso de figuras de linguagem são componentes que envolvem o leitor e transcendem a narrativa. A compreensão desses elementos estéticos permite aos estudantes verem *Os Lusíadas* como uma fonte de inspiração para outras literaturas e como uma continuidade de uma tradição que liga Camões a Homero e, mais adiante, às narrativas contemporâneas. Ao valorizar esses aspectos estéticos, eles desenvolvem um olhar que ultrapassa o tempo histórico e apreciam o impacto de Camões na construção literária moderna, criando uma conexão estreita e significativa com a literatura clássica.

Por fim, temos a interpretação, trata-se de um momento fundamental, pois permite que os alunos construam um entendimento pessoal e coletivo da obra lida. Conforme Cosson (2022), a interpretação literária é um processo complexo que pode ser abordado em dois momentos no contexto do letramento literário: o momento interior e o momento exterior.

O momento interior é marcado pela interação direta com o texto no qual o leitor constrói um entendimento pessoal da obra baseado em suas percepções, emoções e vivências, gerando assim, o “encontro do leitor com a obra” (Cosson, 2022, p. 65). Já o momento exterior ocorre quando o leitor, após ter assimilado a obra, compartilha suas interpretações com as outras pessoas. É neste segundo momento “que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária” (Cosson, 2022, p. 65), pois trata-se de um ato social e colaborativo. É necessário que a interpretação seja compartilhada para que os significados construídos individualmente sejam ampliados, assim, ao dividir suas interpretações, os leitores percebem que fazem parte de uma coletividade, e que essa comunidade fortalece e expande suas perspectivas de leitura (Cosson, 2022).

Logo, a introdução da mitologia de *O Último Olimpiano* não somente facilita a entrada dos alunos no universo de Camões, assim como propicia uma experiência interpretativa enriquecida pela comparação. Ao discutirem as semelhanças e diferenças entre as figuras mitológicas de ambas as obras, os alunos são convidados a entender como os elementos mitológicos moldam as narrativas e os destinos dos heróis. Assim, através da comparação ajudamos a desmistificar *Os Lusíadas* e torná-lo mais acessível, permitindo que os alunos interpretem as motivações e simbolismos por trás das ações dos personagens na obra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, evidencia-se o valor da mitologia como uma ponte educativa entre a literatura clássica e a literatura juvenil. Uma análise comparativa de *Os Lusíadas* de Camões e *O Último Olimpiano* de Rick Riordan indica que a familiaridade com temas mitológicos presentes em narrativas contemporâneas pode despertar o interesse dos jovens por obras clássicas.

Ao conectar o mundo de jovens leitores com narrativas complexas e atemporais, a mitologia possibilita que elementos essenciais, como heroísmo, conflito e perseverança, transcendam suas origens e se tornem temas universais. Assim, *Os Lusíadas* não se apresenta mais como uma epopeia distante e inacessível, mas como uma narrativa que dialoga com temas ainda relevantes no imaginário juvenil, tornando a literatura clássica mais próxima e envolvente para os alunos.

Nesse sentido, essa pesquisa reforça a importância de metodologias que permitam aos estudantes vivenciar obras literárias de maneira ativa e significativa. A literatura, como enfatizada por Candido e outros teóricos, não somente humaniza, como também amplia a percepção de mundo, que também contém efeito humanizante. Concluir este trabalho com uma proposta prática visa, portanto, não apenas à formação de leitores, mas ao incentivo de uma formação crítica e sensível, por meio da qual cada aluno poderá encontrar na literatura um reflexo de sua própria jornada.

REFERÊNCIAS

AVERBUCK, Ligia (org.) ZILBERMAN, Regina. “A literatura e o apelo das massas”. In: **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984, p. 09-31.

BORGES, Jorge Luis. “Sobre los clásicos”. In: BORGES, Jorge Luis. **Prosa completa (v.2)**. Barcelona: Bruguera, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes: PISA 2022: resultados**. 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/apresentacao_pisa_2022_brazil.pdf. Acesso em: 06 set. 2024.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L&PM, 2022.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. *In: Vários Escritos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2022.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

NESTI, Fido. **Os Lusíadas em quadrinhos** [livro eletrônico] / Luís de Camões; adaptação e ilustrações de adaptação Fido Nesti. - São Paulo: Peirópolis, 2015.

REBELO, Luís de Souza (direção); NAMORADO, Egídio; WALKER, Roger M.; MENDES, João. **Camões e o pensamento filosófico do seu tempo**. Coleção Estudos e ensaios. Editora Prelo. Lisboa 1979.

RIORDAN, Rick. **O Último Olimpiano**. 3.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed., 6. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

APÊNDICE A

Proposta de sequência didática

Quadro 1: Competências específicas e habilidades consideradas no desenvolvimento das atividades.

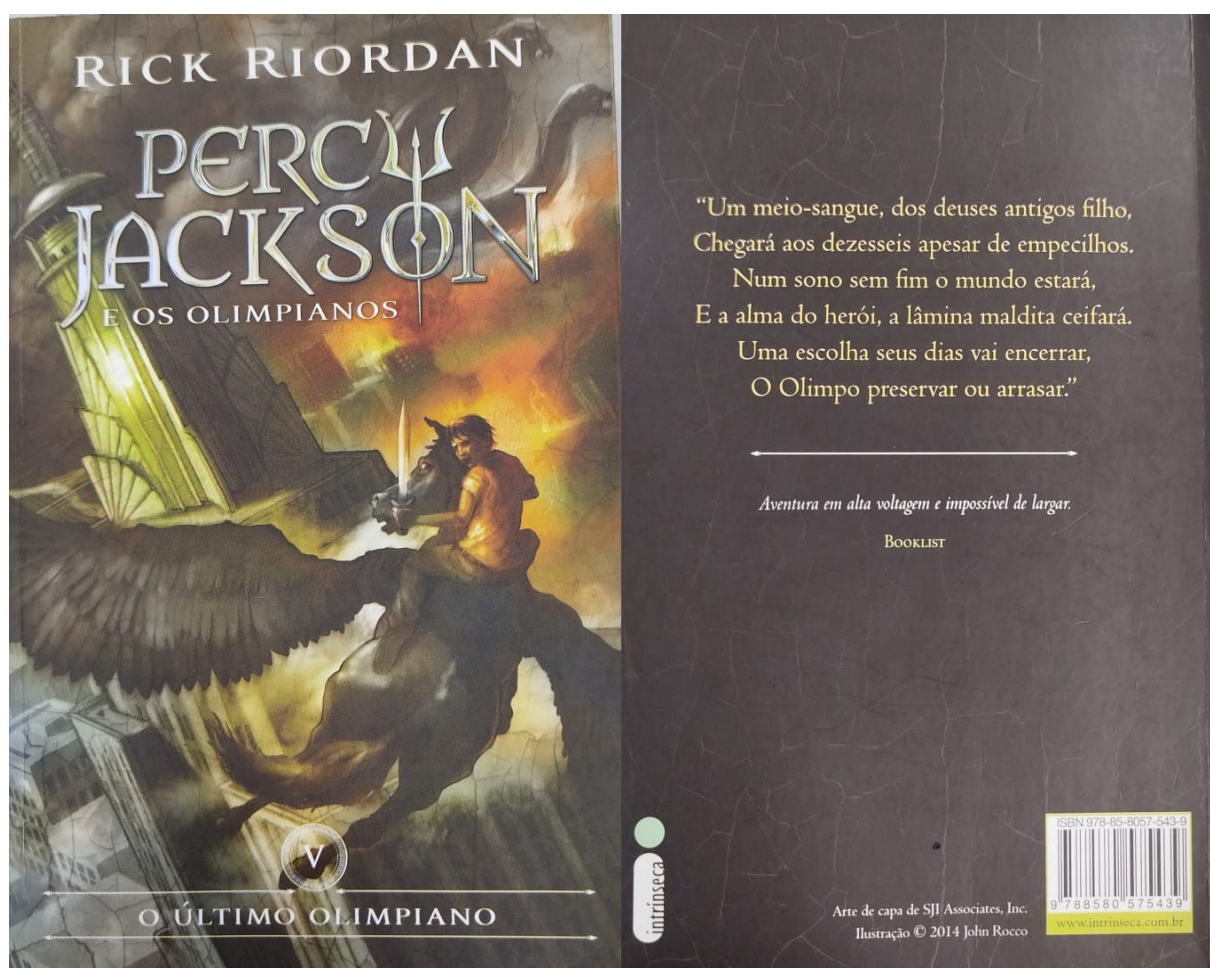
Competências específicas	Habilidades
1- Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. 2- Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. 6- Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.	(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica. (EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura. (EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam. (EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

Fonte: Adaptado de BNCC (2018).

Etapa 1: Motivação

Para desenvolver esse tópico, é conveniente iniciarmos uma abordagem que desperte o interesse dos alunos e crie uma ponte entre o universo literário que eles já conhecem e a obra clássica que será abordada posteriormente. Nesse sentido, sugerimos começar a leitura do capítulo treze da obra *O Último Olimpiano*. Neste capítulo, Percy enfrenta não apenas uma batalha externa, mas um conflito interno ao ser confrontado por Prometeu, que desafia a questionar a lealdade dos deuses e seu papel na guerra contra os Titãs. Este momento apresenta questões sobre moralidade, escolhas e o papel da esperança, temas que podem envolver os alunos na discussão sobre destino, livre-arbítrio e responsabilidade. Ademais, o capítulo explora vários elementos da mitologia grega, como o jarro de Pandora, o Titã Prometeu e as relações entre deuses e semideuses, fornecendo uma introdução intrigante ao mundo mitológico.

Figura 1: Capa e contra capa Percy Jackson e os olímpianos



Fonte: Da autora (2024).

Quadro 2: Questões orientadoras para a motivação

- 1- Prometeu oferece a Percy um acordo de paz e até tenta convencê-lo a desistir da batalha. Por que você acha que Prometeu escolheu fazer a proposta? Quais são os interesses do Titã?
- 2- Ao mostrar a Percy uma visão do passado de Luke e Hermes, Prometeu levanta dúvidas sobre a lealdade e as ações dos deuses em relação aos semideuses. Como você acha que Percy se sente ao descobrir mais sobre a relação complicada entre deuses e seus filhos? Você acredita que os deuses são justos?
- 3- Nesse capítulo, Prometeu dá a Percy o jarro de Pandora, que continha a maior parte dos demônios da humanidade, entretanto, agora há apenas Elpis, o Espírito da Esperança. Qual decisão você tomaria no lugar de Percy, abrir o jarro de Pandora e liberar a esperança, ou manter a esperança aprisionada para evitar a destruição?

Fonte: Elaboração própria.

Etapa 2: Introdução

Nessa etapa, a contextualização do autor e sua obra de maneira acessível e envolvente são fundamentais, com esse propósito, recomendamos a utilização da introdução da obra “*Os Lusíadas em quadrinhos*”, de Fido Nesti, que apresenta Luís de Camões e sua obra *Os Lusíadas* de modo visual e condensada, facilitando o primeiro contato, em sala de aula, dos alunos com a narrativa. A capa e as ilustrações desta adaptação são exemplos de paratextos para situar os alunos quanto ao universo da obra e ao papel de Camões como figura central da literatura portuguesa. Ao utilizar essa obra como recurso possibilitamos uma familiarização com a epopeia abrindo caminhos para trabalhar com o texto original de *Os Lusíadas*.

Figura 2: Introdução Luís Vaz de Camões e sua obra *Os Lusíadas*.



5

Fonte: Nesti (2015).

Figura 3: Introdução Luís Vaz de Camões e sua obra *Os Lusíadas*.



Figura 4: Introdução Luís Vaz de Camões e sua obra *Os Lusíadas*.



7

Fonte: Nesti (2015).

Figura 5: Introdução Luís Vaz de Camões e sua obra *Os Lusíadas*.



Etapa 3: Leitura

Para desenvolver a etapa da leitura, segundo Cosson, é importante que o professor acompanhe os alunos de forma atenta, auxiliando-os nas dificuldades e incentivando um entendimento mais profundo e envolvente da obra. Quando se trata de obras extensas ou complexas, como *Os Lusíadas*, o ideal é que a leitura seja realizada fora da sala de aula, mas com o acompanhamento regular e pontos de discussão para manter o interesse e a compreensão. Sugerimos que a leitura de *Os Lusíadas* seja intercalada com atividades que ajudem os alunos a contextualizar o universo mitológico e heróico do texto, o que pode ser feito através de intervalos regulares nos quais os alunos poderão discutir o andamento da narrativa e expressar suas interpretações.

No quadro a seguir, apresentamos uma sugestão de atividade que tem como objetivo relacionar as características dos deuses e heróis mitológicos presentes em *O Último Olimpiano* e *Os Lusíadas*, para assim compreender as semelhanças e diferenças em ambas as narrativas.

Quadro 3: Proposta de atividade para a etapa de leitura

Proposta de trechos para utilizar	
<i>O Último Olimpiano</i> : As cenas em que Percy Jackson menciona seu pai, Poseidon (p. 37). Cenas que ilustram a rivalidade entre os chalés de Apolo e Ares (p. 72). Interação de Percy com Dioniso (capítulo 15). Descrição que Percy faz de Clarisse e a semelhança com seu pai, Ares (p. 295-296). Conselho dos deuses (p. 340-356).	<i>Os Lusíadas</i> , trechos do Canto 1: Estrofe 1, introdução e apresentação do assunto do poema. Estrofe 4, invocação às ninfas do Tejo. Estrofe 20, concílio dos deuses do Olimpo. Estrofe 24, fala de Júpiter a favor dos portugueses. Estrofe 30, oposição de Baco a Júpiter. Estrofe 33, Vênus intercede a favor dos portugueses. Estrofe 38, Marte posiciona-se ao lado de Vênus.

Atividade proposta
Introdução à mitologia: Comece uma atividade explicando que em ambas as obras os deuses exercem uma certa influência nas ações dos personagens e sobre o destino das histórias. Faça uma leitura em sala de aula com os alunos dos fragmentos em que há a interação de Percy Jackson com os deuses e nos fragmentos em que aparecem as descrições dos deuses, explorando as relações familiares e a complexidade dos deuses.
Comparação das ações dos deuses em ambas as obras: Em grupos, os alunos leem as estrofes selecionadas de <i>Os Lusíadas</i> e discutem como Júpiter, Marte, Vênus e Baco influenciam a trajetória dos navegadores (estrofes 24, 30, 33, 38, 41). Eles devem comparar com a interação de Dioniso e Percy no capítulo quinze de <i>O Último Olimpiano</i>, na qual Dioniso se manifesta nos sonhos de Percy em sua forma humana.
Conselho dos deuses: Nesse momento os alunos podem ser divididos em dois grupos. Proponha uma discussão comparativa entre o Conselho dos deuses em <i>O Último Olimpiano</i> e o Concílio dos deuses do do Olimpo em <i>Os Lusíadas</i>. Cada grupo apresenta como os deuses interagem entre si e com os mortais, analisando as rivalidades e alianças presentes em ambas as obras.

Fonte: Elaboração própria.

Etapa 4: Interpretação

Na etapa da interpretação, segundo Cosson, o objetivo é guiar os alunos a construírem e compartilharem suas próprias análises sobre a obra, integrando momentos individuais e coletivos de reflexão. Portanto, após a leitura o professor pode estimular o “momento interior”, no qual cada aluno faz uma análise pessoal da história, conectando suas percepções refletindo sobre sua experiência de leitura. Logo, no “momento exterior”, o professor deve promover atividades que incentivam o compartilhamento dessas interpretações como na proposta do quadro a seguir.

Quadro 4: Momentos de leitura

Momento interior – leitura reflexiva
a) Leitura: Solicite que os alunos leiam o texto de forma atenta, observando os elementos mitológicos e a intervenção dos deuses no destino dos portugueses. Para guiar essa leitura e aprofundar o entendimento pode-se utilizar as seguintes perguntas: 1- Por que Camões pede intercessão às Tágides? 2- Como Marte e Vênus influenciam a jornada dos navegadores portugueses e quais são suas motivações? 3- Quais são as diferenças nas atitudes de Baco, Vênus e Marte em relação aos portugueses? 4- De que forma o destino (Fado) é apresentado como uma força poderosa e decisiva para os navegadores portugueses? Cite algum fragmento que mostre essa ideia. 5- Na estrofe 100 do Canto I, como Vênus interfere para salvar os navegadores do perigo?
b) Diário de leitura: Cada aluno deve registrar em um diário de leitura (caderno simples) suas impressões sobre a relação entre os deuses e os heróis portugueses, além das emoções e ideias despertadas através da leitura da narrativa. Para incentivar a escrita pode-se utilizar as seguintes perguntas: 1- Qual foi o papel dos deuses no início da jornada dos portugueses? 2- Como você se sentiria ao saber que os deuses estão interferindo em sua jornada? 3- Você acredita que os navegadores têm controle sobre o próprio futuro ou tudo está nas mãos dos deuses? 4- Qual o motivo da oposição de Baco à ajuda aos portugueses? 5- Que valores e ou ideias Baco, Vênus e Marte simbolizam dentro do contexto da epopeia? 6- Como os navegadores são beneficiados ou prejudicados através das intervenções divinas? 7- Como o comportamento dos deuses se assemelha ao comportamento humano?
Momento exterior – compartilhamento das interpretações
a) Discussão em grupo: Divida a turma em grupos e solicite que compartilhem as reflexões de seus diários de leitura. Oriente os grupos a destacar as ideias mais interessantes sobre as motivações e rivalidades dos deuses e como elas impactam a narrativa e o percurso dos demais personagens.
b) Jogo dos Deuses: Uma aventura pelos <i>Lusíadas</i>

Objetivo: Promover a imersão no universo mítico de *Os Lusíadas* através de um jogo desafiador e divertido, estimulando o conhecimento e a interpretação da obra.

Material necessário:

- Retroprojektor ou quadro branco para apresentar as perguntas;
- Cronômetro;
- Prêmios (a definir);

Estrutura do jogo:

O jogo será dividido em três fases, com aumento gradual de dificuldade e pontuação:

Fase 1: A viagem começa (10 pontos por acerto)

Perguntas sobre a obra:

- Quem é o autor de *Os Lusíadas*?
- Qual o tema central do poema?
- Em qual século a obra foi escrita?
- Qual a importância histórica de *Os Lusíadas*?

Perguntas sobre a estrutura:

- O que é uma estrofe?
- Qual o tipo de verso utilizado em *Os Lusíadas*?
- Qual a função da “Proposição” no poema?
- Quantos cantos compõem o poema?

Fase 2: Deuses em ação (15 pontos por acerto)

Perguntas sobre personagens mitológicos:

- Qual deus representa o vinho e a festa?
- Qual deus domina os mares e os oceanos?
- Qual deusa presente em *Os Lusíadas* podemos considerar ser a protetora de Portugal e dos navegadores?
- Qual o papel de Baco na narrativa de *Os Lusíadas*?

Perguntas sobre a mitologia na obra:

- Qual o significado do Concílio dos Deuses?
- Qual o papel dos deuses na epopeia camoniana?
- Quais os principais conflitos entre os deuses na obra?
- Qual o impacto da intervenção divina na jornada dos portugueses?

Fase 3: Desvendando os mistérios através da análise de fragmentos (20 pontos por

acerto):

Sugestões de fragmentos: Invocação às ninfas do Tejo (estrofe 4), Concílio dos deuses do Olimpo (estrofe 20), fala de Júpiter a favor dos portugueses (estrofe 24), oposição de Baco a Júpiter (estrofe 30), Vênus intercede a favor dos portugueses (estrofe 33), Marte posiciona-se ao lado de Vênus (estrofe 38).

- Identificar os personagens presentes;
- Explicar o contexto histórico e mitológico;
- Analisar o significado simbólico do fragmento;
- Relacionar o trecho com o tema central da obra.

Desafios Bônus:

- **Desafio de citações:** Apresentar fragmentos de *Os Lusíadas* e pedir para os participantes identificarem o canto e o contexto.
- **Desafio de criação:** Pedir para os participantes criarem um pequeno texto ou desenho sobre um episódio mitológico da obra.

Prêmios:

- A definir.

Observações:

- Adaptar a dificuldade das perguntas de acordo com o nível dos participantes.
- Recomenda-se utilizar imagens para ilustrar as perguntas e tornar o jogo mais dinâmico.
- Estimular a participação de todos os jogadores, valorizando o trabalho em equipe e a troca de ideias.

Dicas para o professor:

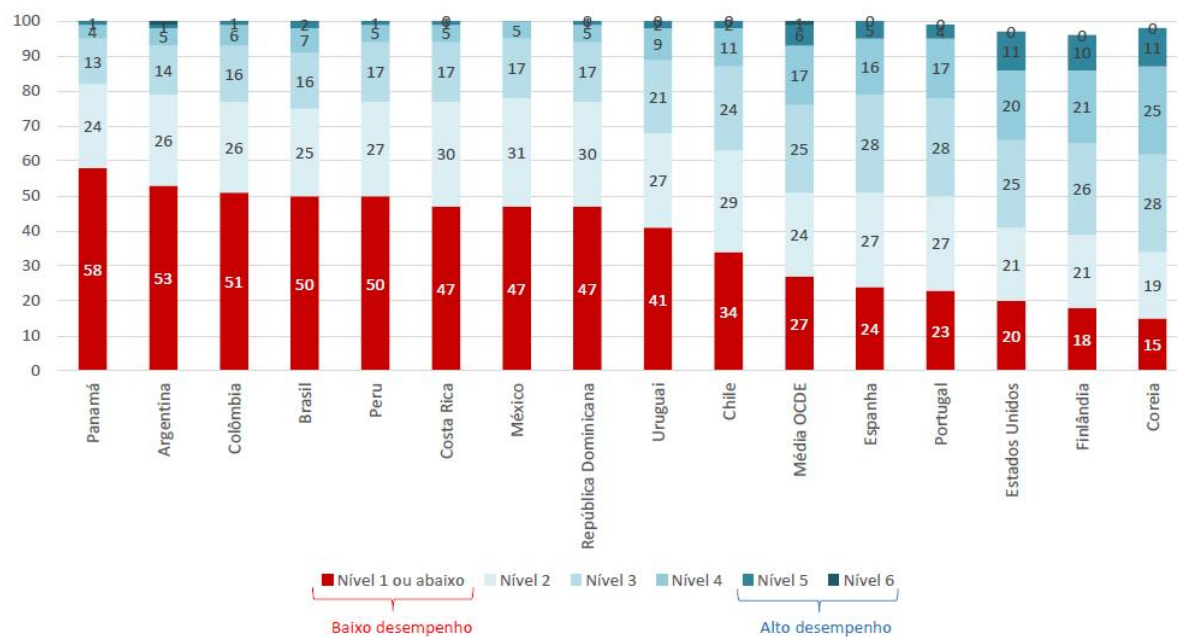
- Preparar um gabarito com as respostas corretas para facilitar a correção.
- Incentivar os alunos a pesquisarem mais sobre o tema e a apresentarem seus próprios trabalhos.

c) Reflexão final: Finalize reunindo a turma em uma roda de conversa para discutir como as interpretações individuais foram ampliadas mediante o trabalho em grupo. Para estimular a participação pergunte: Como as visões dos colegas ajudaram a ampliar a sua própria compreensão do papel dos deuses na obra?

Fonte: Elaboração própria.

ANEXO A

Gráfico 1: Nível de proficiência em leitura dos estudantes em diferentes países.



ANEXO B

Gráfico 2: Proficiência em leitura por região

Região	N	%	Média
Sul	1.570	14,0	427
Centro-Oeste	886	8,4	424
Sudeste	4.382	40,5	420
Norte	1.008	8,3	382
Nordeste	2.952	28,9	392
Brasil	10.798	100	410

Fonte: PISA 2022: resultados (2023).